

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
Escola de Belas Artes – EBA/ UFMG  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias  
Contemporâneas - CEEAV

Dirlene Fátima Rodrigues Frias

**ARTE POR ARTE**

Lagoa Santa

2020

Dirlene Fátima Rodrigues Frias

## **ARTE POR ARTE**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador (a): Giovanna Viana Martins

Lagoa Santa

2020

Frias, Dirlene Fátima Rodrigues

Arte por Arte / Dirlene Fátima Rodrigues Frias. – 2019.  
56 f., enc

Orientador (a): Giovana Viana Martins  
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas  
Gerais, Escola de Belas Artes.  
Referências: f. 55-56

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –  
Especialização. I. Título. II. Martins, Giovanna III. Universidade Federal  
de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

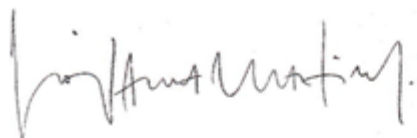
CDD: 707

Nome: **DIRLENE FÁTIMA RODRIGUES FRIAS**

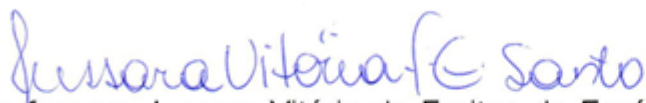
**ARTE POR ARTE.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

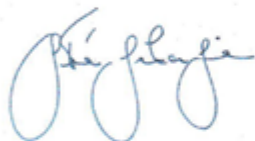
Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**



Professora Giovanna Viana Martins – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientadora



Professora Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo – CEEAV/ EBA/ UFMG –  
Membro da Banca Examinadora



Profa. Patrícia de Paula Pereira  
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes  
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV  
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes  
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020.

Em memória de Osvaldino José Rodrigues  
Nome e sobrenome  
Pelos quais gostava de referir-se a si próprio  
Em alto e bom som  
Um meio de marcar sua presença no mundo  
Meu pai  
Nascido em 28 de fevereiro  
Que em meio a gestos simples e vigorosas gargalhadas  
Demonstrava seu carinho por nós

A Téo, Isabô, Mineiro,  
Nigro, Jasmim, Jade,  
Kiara, Code Karla  
Mel, Lisa, Laila,  
Luck, Vitória, Ted,  
Dil, Fred, Barak  
Negão, Lola, Kal,  
Cães  
Abandonados  
Encontrados  
Acolhidos  
Transformados em amigos  
Em amados  
Presentes  
presentes  
Pano de fundo, cenário  
Agora, integrantes imprescindíveis  
de minha nova forma de vida

Agradeço  
À Giovanna  
pela orientação imersa em *atenciosidades*  
À Jussara  
por suas preciosas considerações  
Aos professores  
por compartilharem conosco  
saberes preciosos  
A todo o corpo CEEAV  
por sua constante dedicação  
E às pessoas  
adultas e crianças  
que contribuíram  
doando-me  
um pouco de seu tempo  
e de seu talento

Ebenézer

## **NA MINHA PELE**

Ninguém vê  
O que vejo  
Faz  
O que faço  
Sente  
O que sinto  
Porque eu  
Sou eu  
De pedaço  
Em pedaço  
Ninguém veste  
A pele que visto  
Por isso  
eu sou eu  
Apenas eu  
Desde que existo

**Capparelli**  
**2006**

No percurso, guardamos e nos cercamos de coisas  
coleccionamos objetos, urdimos histórias, fazemos  
imagens, produzimos conhecimento e, dessa forma  
inventamos e reinventamos o mundo procurando dele  
algo reter. Mas o mundo, a vida, o tempo e a história  
sempre caminham

Giovanna Martins

## Resumo

A pesquisa **Arte por arte** surgiu a partir da inquietação acerca do significado da arte e dos modos pelos quais o seu ensino ocorre e pode ocorrer no espaço escolar. A observação de práticas escolares, a proposição de atividades artísticas para crianças da educação infantil, a coleta de desenhos realizados por pessoas adultas, a evocação de memórias de minhas próprias vivências, os diálogos com professores, a leitura de textos diversos, a observação de vídeos, a experimentação estética, entre outros tantos elementos forneceram as informações necessárias para a constituição desta pesquisa.

Aqui há a diferenciação entre Arte e arte, a observação de aspectos relacionados à estética escolar, a reflexão sobre arte a partir de relatos de casos, algumas considerações sobre o Ensino de Artes Visuais e a formação do professor, a criança em seus processos criativos, bem como também, as imagens de objetos artísticos, Caixinha de Nuvens e Pano de Fundo, resultantes de experimentações pessoais ocorridas durante o processo de aprendizagem em Artes Visuais e desenvolvimento desta pesquisa.

Palavras-chave: Artes Visuais, Crianças, Ensino de Artes, Experiências, Imagens, Impressões, Nuvens, Professor-artista-pesquisador.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1: O QUE É ARTE? .....</b>	<b>13</b>
Memórias da infância: primeiras experiências estéticas: .....	20
<b>Capítulo 2: O LUGAR DA ARTE E DA ARTE DENTRO DA ESCOLA .....</b>	<b>25</b>
A estética escolar.....	30
Arte, arte e seu Ensino.....	35
Professor- Artista- Pesquisador.....	39
A criança e a Arte.....	43
<b>Capítulo 3 : ARTE POR ARTE.....</b>	<b>45</b>
Livro ou caderno de artista: Impressões .....	45
Livro objeto, Objeto artístico.....	50
Caixinha de Nuvens .....	51
Pano de Fundo.....	52
<b>CONCLUSÕES .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

A Pesquisa em Arte constitui a base para este estudo. Com ênfase nas Artes Visuais, esta busca compreender o significado da Arte, sua importância e os modos pelos quais ela se dá e pode ser desenvolvida no contexto da Educação Infantil. A revisão bibliográfica acompanhada pela observação de campo, foram os elementos que auxiliaram para a constituição deste estudo, cuja intenção é a promoção de ações, reflexões e experimentações artísticas que contribuam para a compreensão do que é arte e sua importância nos processos de formação humana.

Arte por arte refere-se à possibilidade e à necessidade de desenvolver trabalhos artísticos que tenham como foco principal a própria arte. Pois, ainda é comum ver a arte sendo colocada prioritariamente em prol de outras áreas do conhecimento. Desse modo, as atividades ficam limitadas às superficialidades, impedidas de imersão em um nível mais aprofundado do conhecimento artístico.

Acerca de arte e Arte diz é dito que arte é o termo relacionado ao campo do conhecimento e Arte, à disciplina responsável por representá-lo e apresentá-lo no ambiente educacional.

**“O que é arte?”** foi a mola propulsora, a pergunta que deu início a esta pesquisa. Aparentemente, uma pergunta simples. No entanto, repleta de inúmeras possibilidades de respostas. Este capítulo foi tecido a partir de relatos de casos, evocação de memórias da infância e observação de literaturas, em especial, Coli.

**“O lugar da Arte e da arte dentro da escola”**, menciona alguns modos pelos quais a Arte habita e pode habitar (ou não) o espaço escolar. A Arte, a estética escolar, a formação do professor de Artes, a criança são algumas das abordagens feitas neste capítulo.

**“Arte por arte”** consiste em uma “pequena galeria” na qual há exposição de algumas experimentações artísticas. Há imagens das produções das crianças por meio de impressão e um exercício fotográfico pessoal acerca do espaço escolar. Também há as fotografias da Caixinha de Nuvens e do Pano de Fundo, objetos artísticos produzidos a partir do desenvolvimento desta pesquisa.

## CAPÍTULO 1

### O que é Arte?

*Não devemos falar a língua dos outros,  
Nem utilizar o olhar dos outros. Porque,  
nesse caso, existimos através do outro.  
É preciso tentar existir por si mesmo.*

Evgen Bavcar, 2001

Uma questão básica e de relevância a ser posta inicialmente é a distinção entre os termos Arte e arte. Arte equivale à disciplina e arte, ao resultado dos processos culturais vivenciados e expostos por um indivíduo e/ou por uma coletividade.

Pelo que constatamos por meio de vivências e observações, durante vários anos a Arte tem sido considerada algo de menor valor, tanto na Escola, quanto na sociedade. Generalizando, percebe-se que a Arte e o fazer artístico são entendidos minimamente como elementos de serventia à decoração, distração, passatempo e outros. E, segundo Gouvêa, por:

[...] muitas vezes, arte não é considerada área de conhecimento, mas lazer, relaxamento, hobby, este pode ser mais um ponto de diminuição da importância atribuída a ela e à sua pesquisa (s/d, p.3).

E assim, essa concepção empobrecida dificulta e desestimula o desenvolvimento de trabalhos e ações que consideram o caráter valoroso da Arte.

Com uma baixa percepção da relevância da Arte para os contextos de vida, conseqüentemente, profissões, profissionais, conteúdos ligados a outras áreas do conhecimento são mais bem aceitos pelo mercado. Aqueles e aquilo pertencentes ao campo da Arte costumam enfrentar obstáculos maiores para existir e subsistir. Comumente e muito frequentemente, os artistas possuem outros recursos financeiros como fonte de renda principal.

Porém, há um ruído entre a forma pela a qual as pessoas pensam e consomem arte. Servem-se de produtos artísticos. Por exemplo, usam constantemente mídias, vídeos, fotos, músicas. De modo geral, seguem estilos e tendências ao vestirem-se e decorarem suas casas. Adquirem automóveis e outros bens a partir da propaganda e do visual dos produtos. Considerando o dito de que “a propaganda é alma do negócio”<sup>1</sup>, percebe-se, que as pessoas são atraídas por formas, cores, texturas e movimentos, sons e etc. Ou seja, seus objetos de consumo e seus comportamentos sociais são regidos pelos elementos das artes. Porém, muitos permanecem com a ideia de a produção artística, estudos sobre, vivências em arte são coisas que pertencem ao campo do supérfluo.

### **Relato de caso 1: o artista e sua arte**

Um artista bastante conhecido, com um trabalho artístico valorizado, falou a uma de suas clientes que possui dois perfis. Um no qual ele se deixa livre para criar, imaginar, produzir sua arte. E outro, no qual procura produzir peças segundo o gosto de seus clientes. Ele não anula sua capacidade criativa nesse segundo. Porém, se obriga a compreender e produzir obras segundo as preferencias daquele que lhe encomenda um serviço.

No entanto, durante a formação educacional vê-se que os estudos em/sobre Artes são pouco desenvolvidos. Nas escolas de educação infantil, onde é mais comum a presença de desenho, tintas, massinhas, percebe-se que o processo de criação sofre limitações. Muitas vezes são estabelecidos modelos, padrões a serem reproduzidos. Há também um repertório imagético empobrecido. As atividades com intenções artísticas acabam por serem misturadas a estereótipos e superficialidades.

O ambiente escolar, na maioria das vezes, encontra-se repleto do mesmo, imagens replicadas, cópias. E essa constituição imagética e práticas consideradas

---

<sup>1</sup> Esse dito popular surgiu a partir do perfil comercial adotado entre os anos 1960 e 2000 nas empresas que investiam em propagandas nas mídias televisão, rádio, jornal e outdoor para apresentar seus produtos a clientes. Com o advento da internet, muitas empresas passaram a buscar a atenção do consumidor para seus sites, nos quais o próprio consumidor seleciona os produtos segundo seus interesses.

artísticas, acabam por demonstrar que os líderes nesses espaços não possuem formação nessa área do conhecimento. E diante da repetição da mesma prática por anos e anos, há aceitação sem questionamentos desse modelo escolar apresentado como artístico, Estética Escolar.

Então, as ações repetidas continuamente por anos, acabaram por serem incorporadas de modo irrefletido no que é considerado atividade artística dentro das escolas. Também essa forma de constituição estética por parte da escola é um campo passível de investigação. Macedo faz esse apontamento ao dizer que:

Abordar essas imagens e concepções estéticas que habitam a escola como um sintoma da falta de arte na formação dos/as professores/as e gestores/as das escolas são uma hipótese ainda em processo de investigação. (MACEDO, 2017, p. 3502)

Ou seja, a partir dos resultados expostos na paisagem escolar, fica evidente que a formação artística dos professores foi deficitária.

As práticas denominadas artísticas, ainda comuns em nossos dias, me parecem danosas ao processo artístico, pois imprimem significados estereotipados à constituição da concepção de Arte da comunidade escolar. E isto é descrito por Juliana ao falar que

[...] para além da arquitetura e mobiliários, murais, cartazes, pinturas dizem muito de um padrão estético a ser legitimado e deixam marcas, que ficam impregnadas nas pessoas que se relacionam com todo esse aparato, que nada tem a ver com o pensamento artístico, mas que fica associado a este, como ponto de referência e vem se reproduzindo em um *ad infinitum*. (MACEDO, 2017, p. 3494-3495)

Diante das observações do cotidiano e reflexões acerca de confusões feitas em torno do processo artístico, faz-se necessário o desenvolvimento de trabalhos nos quais a Arte seja apresentada por ela mesma, no qual o foco seja a sua essência, suas especificidades, sem que seja colocado em um segundo plano em função de outros campos do conhecimento. Esclareço aqui que quando me refiro á essência, penso em objetos artísticos, produção e livre criação, vivencia de processos artísticos e não, à produção maciça de cópias de objetos e imagens de modo irrefletido.

O diálogo da Arte com outras áreas do conhecimento é essencial, importante, contudo, ela não deve ser sempre coadjuvante, esvaziada, despercebida em seus

sentidos próprios. Diante disso, também se faz necessário investigar acerca do que vem a ser ou não arte.

Neste ponto do trabalho, o convite à reflexão feito a mim pela professora e orientadora desta pesquisa foi de tamanha relevância que decidi incluí-lo no corpo do texto. Ela fez as seguintes indagações: “o que você entende por essência da Arte? Será que ela tem UMA só essência? Segundo Gombrich, aquilo que chamamos de Arte não existe, existem apenas artistas”.

A partir destas colocações, adquiri uma segunda forma de ver a arte. Despindo-me de sensações diversas e vestindo-me da razão pura, entendi que a arte é o produto da ação do artista. Ela pode ser efêmera ou permanente. Há a tendência de vermos o objeto artístico como sendo detentor de vida própria, emanando por si só sentidos, mensagens... Olhamos a obra artística em primeiro plano e em segundo, o artista ou nem isso. Por exemplo, diante da Monalisa, buscase extrair sentidos e sensações da própria tela. Sabe-se quem é o seu autor. No entanto, a presença dele não se faz necessária no momento da contemplação. A presença do artista se torna de certo modo desnecessária após a conclusão da obra. A impressão é de que obra fala por si só. É como se ela sempre tivesse existido sem o autor. Como se a qualquer momento seus lábios fossem emitir algum som. No entanto, trazendo à luz da razão, ela não respira, não tem vida. É um objeto. É um conjunto de traços, tintas, formas, técnicas, dos quais um homem se serviu para expressar suas impressões acerca de si e do mundo. E a sua interpretação e seu sentido são na verdade dado por quem a vê.

Também, por experiência própria, na maioria das vezes, ao término de uma pintura, tenho a sensação de que essa se fez sozinha, apenas se serviu de mim para aparecer. Nesse sentido, ressalto que a colocação da professora foi de todo significativa para que eu pudesse perceber a arte por duas vertentes diferentes: uma, carregada de significações emocionais e outra, firmada em questões lógicas e objetivas.

E dando continuidade às reflexões acerca do que vem a ser arte, usarei como mote algumas situações e seus relatos.

## RELATO DE CASO 2: Siga o modelo

Diante de uma determinada cena, o texto de Juliana sobre a estética escolar pareceu ganhar vida. Algumas professoras em suas tarefas costumeiras preparavam um mural para o início do ano letivo. As personagens que decorariam toda a escola já haviam sido previamente selecionadas e distribuídas. As personagens e cartazes em *E.V.A.* eram cuidadosamente fixados à parede já forrada em *T.N. T<sup>2</sup>*. O empenho em colocar tudo reto, alinhado, bem-posto era visível. Giz de cera e outros pigmentos eram aplicados cuidadosamente sobre cada figura. Assim como descrito por Gouthier, as personagens apresentavam carinhas sorridentes e bochechas rosadas.

Em meio a idas e vindas, alguém disse:

\_ Desenhar os personagens d@ XXXX é muito difícil!

Outra falou:

\_ Eu não tenho tempo. Por isso paguei para fazerem para mim.

Figuras com traços e recortes *imperfeitos*, cartazes com textos aglutinados, excesso de informações, carentes de aplicação de técnicas artísticas, *mal engessados* nos moldes baixados da internet, são colocados nas salas, nas escolas, moldando os olhares a ponto de serem considerados mais lindos do que os trabalhos espontâneos das crianças.

A Arte tem tempos, exigências, características, princípios próprios. Contudo, ela não cerceia, não aprisiona. Pelo contrário, traz asas a quem a produz. E sendo portadora de singularidades, faz singular àquele que a ela se entrega.

---

<sup>2</sup> **E.V. A.:**, em português, é a **sigla** de acetato-vinilo de etileno que deriva do inglês: Ethylene Vinyl Acetate, ou etileno acetato de vinil. Essa espuma sintética é produzida a partir de seu copolímero termoplástico.

**T.N.T:** É um tipo de **tecido** classificado como um não **tecido**.

Produzido a partir de fibras desorientadas que são aglomeradas e fixadas, não passando pelos processos têxteis mais comuns que são fiação e tecelagem.

### **RELATO DE CASO 3: Um espaço para a arte dentro da escola**

Ainda que a produção da criança seja incentivada, valorizada, respeitada, não há espaço adequado para a Arte e nem para o fazer artístico: materiais, objetos, e menos ainda, um professor que se enverede pela pesquisa ou pelos caminhos da Arte.

Por não haver uma sala-ateliê, as produções ocorrem na sala de aula, galpões, e, por vezes em espaços abertos (não por opção). Os resíduos da produção artística são considerados inconvenientes (bagunça). As peças produzidas e a matéria prima ficam desabrigadas e costumam ser descartadas no lixo comum. Sem locais apropriados para si, a produção, o acervo, a matéria prima são tidos ou colocados como elementos de desordem na visualização do espaço.

Certa vez, uma graduanda da UFMG com trabalhos artísticos relevantes e premiados, professora na Educação Infantil, relatou que lhe disseram que todo o seu material de trabalho em Artes e outros deveriam caber no escaninho da escola. A metragem aproximada destes é de 50 cm x 40 cm, espaço esse irrisório diante da Arte e principalmente, da arte.

O sistema escolar atual é para uma educação de massa, ainda que discursos e documentos pedagógicos se esforcem para aparentar o contrário. A correria desenfreada entre obrigações, atividades, compromissos, conteúdos, temas diversos, poucos professores para muitas crianças, além de outras questões, dificultam o desenvolvimento de atividades de perfis que dependem de espacialidade e temporalidades variadas. Sem tempo, sem espaços, com oposições diversas, parece menos doloroso não inovar, não criar. Contudo, mesmo remando contra a maré, quem pensa e vive de modo diferenciado insiste e persiste em fazer Arte e arte.

À medida que as práticas artísticas forem melhores disseminadas, passarão a ser reconhecidas e a ser mais valorizadas. E aí, então, de modo mais amplo, a Arte poderá ser melhor compreendida enquanto uma importante área do conhecimento que possui suas características próprias, que demanda tempos e espaços específicos.

Acerca da agitação contemporânea, da correria desmedida, Larrosa (2002), que não falava de arte nesse artigo, e sim, de educação, diz que “a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo se passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa” (p.23).

Os processos artísticos precisam ser gestados ao longo de tempos específicos e assentados em locais favoráveis às suas constituições. Os sujeitos envolvidos nesses processos precisam também se dar tempo para que algo seja constituído nele e por meio dele. No entanto, a correria contemporânea dificulta a imersão efetiva dos sujeitos no processo criativo.

E sobre o sujeito, Larrosa diz:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos e cada vez mais curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece (p.23).

Ou seja, a correria para o cumprimento de ações diversas dificulta a utilização do tempo de modo saudável. E assim, o processo artístico e criativo fica comprometidos, pois para que haja uma vivência, uma experiência de fato no processo artístico, faz-se necessário dar-se tempo, deixar tocar-se, abrir possibilidades à experiência. E, acerca da experiência, Bondía afirma que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. Até aqui, a experiência e a destruição da experiência. Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o

sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (p.24)

Transpondo as palavras de Larrosa da Educação para as Artes: podemos perceber que elas descrevem apropriadamente o processo artístico, a especificidade do gesto criativo, a necessidade de entrega por completo ao ato de se compreender, fazer e ensinar Arte.

A partir das constatações anteriores, duas perguntas deram origem a este estudo. A primeira é “O que é Arte?” e a segunda, “Como trabalhar com a Arte na escola de Educação Infantil?”. A princípio, estas questões podem parecer simples, no entanto, para leigos, podem ser motivo de grandes dúvidas.

O que é arte? Como saber o que é e o que não é arte? Na atualidade, os mais diversos elementos são assim entendidos. Como trabalhar artes visuais na Educação Infantil sem incorremos riscos de repetir práticas pouco eficazes?

Ao longo do curso de Especialização em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, algumas respostas foram esclarecendo tais inquietações.

### **Memórias da Infância: primeiras experiências estéticas**

*A nuvem estava no céu.  
Era comprida, comprida.  
Veio o vento e enrolou a nuvem.  
Ela virou uma bola.  
Gostou de brincar de virar e virou nuvem-bicho.  
Foi nuvem-gato, nuvem-coelho, nuvem-girafa.*

Lúcia Pimentel Góes

Os camelos encontravam-se assentados lado a lado sobre a linha do horizonte. Eram uns três ou quatro. Todos feitos de nuvens douradas em um fim de tarde também dourado. Em um dos dias de minha infância, foram os dedos de meu

pai apontados para o céu que conduziram o meu olhar para esse encanto. Também, em outros momentos, os musgos, as marcas, as sombras nas paredes e superfícies se me abriam formas, imagens, quadros. Sempre achei interessante o fato de ver formas e imagens nas texturas das superfícies de objetos. E abrindo aqui um breve parêntese, para surpresa minha, agora, em 2019, tive o prazer de conhecer Ana Paula, artesã, e de ouvir dela que, assim como eu, quando criança ela também via formas e imagens nas sombras e marcas das superfícies. E que depois de trilhar outros caminhos, hoje ela vive de sua arte. Juntamente com sua família, produz e comercializa IMANIs, bonecas pretas.

E retomando o discurso anterior, aos poucos o mundo foi sendo a mim revelado por meio de figuras, telas, frames. Os meus olhos passaram a fazer recortes de paisagens, objetos, cenários que iam e vão se convertendo em belas telas, atemporais e efêmeras. Por meio das figurinhas de um álbum, descobri que existiam vários outros animais além daqueles que eu conhecia. O lápis de cor e tintas de tecido e tela começaram a serem meus companheiros.

Passei a compreender que esse modo de perceber e de olhar o mundo pertencia ao campo da Arte.

Arte... Durante a formação escolar, enquanto estudante, a Arte me foi apresentada apenas por poucas fagulhas. Na medida do possível, o gosto pessoal por ela me impeliu a seguir os seus rastros fora dos muros da escola.

Em algum momento da caminhada enquanto professora, uma inquietação se tornou presente: O que é Arte? Aparentemente uma pergunta simples, no entanto, cheia de possibilidades complexidades em suas respostas. Coli fala acerca dos esforços para traçar tal definição e das frustrações ao constatar que tal feito seria impossível. O autor registra que:

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (COLI, 1995, p. 7)

Uma resposta única, uma concepção única é incapaz de abarcar todas as possibilidades e potencialidades que caracterizam a Arte. Coli ainda fala sobre o

desconhecimento acerca do que vem a ser Arte e o conhecimento parcial da mesma por meio de seus artistas. Ele fala que:

Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contacto com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou de artistas, ficaremos certamente satisfeitos (COLI, 1995, p. 7,8).

Arte... Tão presente, tão conhecida, tão desconhecida, tão vivenciada, tão ignorada! Então Coli afirma que a Arte é resultado das práticas culturais, de características variadas e passível de incompreensão:

É possível dizer, então, que arte, são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas. Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um pouco mais o problema. (COLI, 1995, p. 8, 9).

Citando exemplos do cotidiano no qual a arte é percebida por meio de obras diversas, Coli, 1995, diz que “se a arte é noção sólida e privilegiada, ela possui também limites imprecisos”. E o enlace entre solidez e imprecisões acaba por evocar a dúvida acerca do que possa ser considerada obra de arte.

Coli fala ainda que, segundo a cultura vigente, há alguns instrumentos específicos para definir o que é e o que não é arte. Um destes é o discurso acerca do objeto artístico feito pelo crítico, pelo historiador da arte, pelo perito, ou ainda pelo conservador de museu. Estes profissionais conferem ao objeto o cunho de arte. E mais, eles estabelecem locais específicos onde a arte pode se manifestar, tais como galerias, museus e determinados cinemas. Ou seja, as peças contidas dentro desses espaços são compreendidas de imediato como objetos de arte.

História da arte, crítica, museu, teatro, cinema de arte, salas de concerto, revistas especializadas: instrumentos da instauração da arte em nosso mundo. Eles selecionam o objeto artístico, apresentam-no ou tentam compreendê-lo — através deles a arte existe. São, como também a arte, específicos e indissociáveis de nossa cultura. (COLI, 1995, p.63)

No que se refere à arquitetura, Coli cita o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que confere à determinadas construções o título de objeto

artístico. E a partir dessas observações, Coli ressalta o fato de que “nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por mim, o que é ou não arte” (1995, p.10)

A crítica, portanto, tem o poder não só de atribuir o estatuto de arte a um objeto, mas de o classificar numa ordem de excelências, segundo critérios próprios. Existe mesmo uma noção em nossa cultura, que designa a posição máxima de uma obra de arte nessa ordem: o conceito de obra-prima (COLI, 1995, p.14)

Coli esclarece que apenas a técnica não dá conta de classificar as obras. Pois, isto envolve outros tantos fatores, visto que:

Os discursos que determinam o estatuto da arte e o valor de um objeto artístico são de outra natureza, mais complexa, mais arbitrária que o julgamento puramente técnico. São tantos os fatores em jogo e tão diversos, que cada discurso pode tomar seu caminho. Questão de afinidade entre a cultura do crítico e a do artista, de coincidências (ou não) com os problemas tratados, de conhecimento mais ou menos profundo da questão e mil outros elementos que podem entrar em cena para determinar tal ou qual preferência. (COLI, 1995, p.14)

Coli fala ainda acerca das variações no julgamento das obras que podem ocorrer ao longo dos tempos. A essas variações ele chama *flutuações*. E diz:

São tantas as flutuações no tempo dos vários juízos sobre as artes, tantos os meandros traçados pelo que os italianos chamam de fortuna crítica, isto é, pelos julgamentos da posteridade, que não sabemos mais a que nos ater. Por vezes, uma obra, um autor, parecem inabaláveis, como Homero, e eis que um grande nome da cultura, como Valéry ou Gide, traduzindo uma corrente de opinião, surge para afirmar que a *Ilíada* é insuportavelmente entediante. Com estes exemplos, colhidos um pouco ao acaso, já podemos chegar a uma constatação deprimente: a autoridade institucional do discurso competente é forte, mas inconstante e contraditória, e não nos permite segurança no interior do universo das artes. (COLI, 1995, p.21)

E além das variáveis apresentadas pelo autor, existe também o fator cultural que interfere nos modos pelos quais a arte é produzida e compreendida. Ele ressalta que as variações culturais também provocarão concepções variadas. O autor afirma que:

[...] é importante ter em mente que a ideia de arte não é própria a todas as culturas e que a nossa possui uma maneira muito específica de concebê-la (COLI, 1995, p.64)

E por fim, Coli valida a percepção de cada indivíduo frente ao objeto em análise, afirmando que:

Desse modo, o "em si" da obra de arte, ao qual nos referimos, não é uma imanência, é uma projeção. Somos nós que enunciamos o "em si" da arte, aquilo que nos objetos é, para nós, arte. (COLI, 1995, p.64).

Arte... Obra de arte. Dois termos que no lugar comum se misturam.

Enfim, o que é arte?

Esta é uma questão que possui respostas parciais. Por não ser uma ciência exata, a Arte em suas definições apresenta variáveis, o que impossibilita uma delimitação rígida acerca de seu significado.

Algumas obras vão trazendo mais esclarecimentos a este respeito. Para Pimentel,

Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados (2015, p.96).

Considera que **a arte é fundamento para vida, e não um instrumento.**

A arte é o que nos traz a carga sensível do mundo. A arte é o mundo como cor, como som, como textura, como rugosidade. É como se a arte abrisse a pele do mundo e, portanto, a arte oferece o mundo sensível e não tanto o compreensível" (LARROSA, 2013 apud PIMENTEL, 2015, p. 94)

Falando acerca da arte e suas funções, em uma de suas aulas a professora Giovanna Martins<sup>3</sup> disse:

A função da arte é, entre outras, abrir possibilidades; criar narrativas no mundo; tentar buscar o sentido da vida dentro dele. A arte cria um lugar outro no mundo, ressignifica-o. (2019)

Em suma, não há uma definição única acerca do que é arte. Cada setor, cada pessoa, tem sua forma específica de compreendê-la. Por exemplo, conforme Collins, para as galerias, a arte tem um fim e características mercadológicas. Para o artista e o apreciador, é envolta por aspectos diversos, podendo ser a expressão de sentimentos, atos de protestos, descrição de um tempo e etc. Enfim, ela é o resultado de vivências de processos culturais, portanto, traz em si as especificações que seu tutor lhe atribuir.

---

<sup>3</sup> Professora da Escola de Belas Artes, UFMG.

## Capítulo 2

### O lugar da Arte e da arte dentro da escola

*Ensinar arte significa possibilitar  
experiências e vivências  
significativas em fruição, reflexão  
e elaboração artística.*

Lúcia Pimentel

#### Relato de caso 4: Minha casa, minha vida

Há uma dinâmica bastante interessante da qual participei em uma das oficinas do SEBRAE<sup>4</sup> e que, posteriormente, pensando nesse trabalho, propus a um grupo de pessoas de diferentes idades e de ocupações sociais diversas. A dinâmica consiste em solicitar que cada pessoa desenhe uma casa. Alguns participantes nunca antes haviam se visto e, no entanto, diante da proposta muitos realizaram desenhos bastante parecidos. E, provavelmente, essa estrutura mental foi constituída durante o período em que eram estudantes. Ao se sugerir o desenho de uma casa, provavelmente, se serviram de modelos mentais constituídos em tempos anteriores e não da observação dos diferentes objetos casa que se encontram a sua volta. Serviram-se de arquétipos, formas simples e básicas possivelmente fixadas durante o período escolar.

Diante da proposição do ato de desenhar, as reações foram diversas. A maioria deu risadas e disse:

\_\_\_Eu? Desenhar?

\_\_\_Tá falando com a pessoa errada.

Contudo, outro ambiente foi estabelecido na escola enquanto o fazer artístico era estimulado, ainda que por breves minutos. Houve a demonstração de dedicação, interesse, satisfação por parte dos participantes. O clima ficou mais ameno diante do encontro com a proposta. E, ao final, cada um a seu tempo, do seu modo, ia me entregando carinhosamente as páginas desenhadas seguidas por suaves sorrisos.

---

<sup>4</sup> Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. O SEBRAE tem por objetivo fomentar o empreendedorismo no Brasil

A solicitação era desenhar. Não era acertar. Não era fazer algo extremamente inusitado. Era se entregar ao processo sem se preocupar com o produto a ser obtido. Cada um fez do seu jeito, do modo que aprenderam, da forma pela a qual foi ensinado, exercitou o seu melhor. E ainda que o contexto não fosse de todo envolvido pela Arte, as pessoas se serviram de itens artísticos para realizar seus trabalhos. Por exemplo, lápis de cores, traços, linhas retas e curvas, elaboração mental e etc.

Já o produto, este denunciou, com algumas exceções, o modo engessado do fazer ensinado pela escola. Como se ensina matemática, por exemplo. Ou seja, 2 mais dois serão sempre quatro. Contudo, na Arte não é assim. Uma casa não é sempre feita com um triângulo, um quadrado e alguns retângulos. Pode-se ousar, pode-se inventar, pode-se fazer diferente. Na Arte é permitido pensar e colocar no processo criativo a si mesmo, suas vivências.

Algo relevante observado foi o fato de que pessoas de uma escola que possui mais ações culturais tais como, por exemplo, a promoção de visitas a centros culturais, demonstraram um pouco mais de liberdade criativa.

O estímulo ao exercício do processo criativo é importante e por meio dele é possível perceber, conforme Loyola, 2016, que [...] “as produções criadas sempre trazem os vestígios de cada um, os trabalhos dos alunos nunca são iguais”. (p.10)

E referindo-me novamente às casas, vale lembrar que há casas de João de barro, prédios, iglus, choupanas, casas de madeira e etc, logo, é essencial que os processos escolares não tenham como prioridade engessar o pensamento criativo por meio de fôrmas e sim, estimulá-los. E um dos requisitos é o exercício da capacidade imaginativa. Loyola diz que

Nessa perspectiva, a imaginação é precursora da ação e da criação. As imagens podem ser formadas tanto internamente, em processos mentais, quanto externamente, a partir do que é visto. E a habilidade de imaginar diferentemente amplia possibilidades de criar e de estabelecer conexões, diálogos e conhecimentos em vários aspectos, além de permitir fazer experiências a partir de perspectivas variadas. (2016, p.77)

Desse modo, os resultados revelam a qualidade do processo criativo desenvolvido.

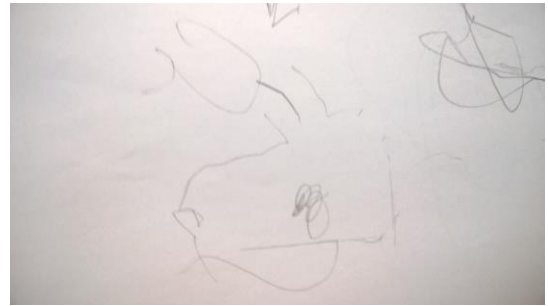
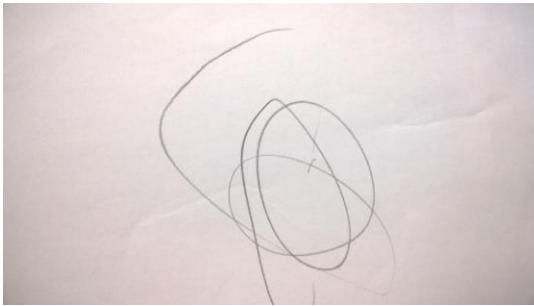
Essas imagens foram feitas por uma criança, 3 anos de idade, na Escola de Educação Infantil, que estava aprendendo a desenhar casas .



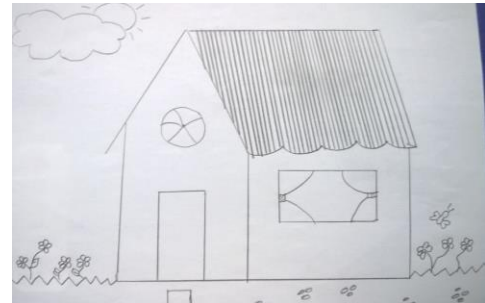
Nestes, os autores buscaram formas diferentes do comum observado para fazerem suas representações.



Estes desenhos, também chamados de garatujas, feitos pelas crianças de 2 anos, da Educação Infantil, são as primeiras representações de casas.



Estes desenhos seguem padrões semelhantes mesmo sendo produzidos individualmente por pessoas de diferentes idades, papéis sociais e localidades



## A Estética Escolar

*Nós olhamos talvez com muito mais atenção  
para a fotografia do mundo do que para o próprio  
mundo.*

Mário Zavagli

Por meio das imagens percebemos detalhes, descobrimos micros e macrocosmos. Na forma pela qual a sociedade contemporânea tem se organizado, o conteúdo imagético tem tido forte presença nos mais diferentes e diversos setores.

Com as possibilidades de ensino da Arte sendo ampliadas por meio das demandas sociais e do desenvolvimento das tecnologias atuais, percebe-se que há a necessidade de selecionar as maneiras pelas quais as imagens serão trabalhadas dentro da escola. Considerando Zavagli, as imagens que vemos do mundo são o que melhor nos informa sobre ele. Daí a importância em selecionar conscientemente as imagens que serão apresentadas a noss@s alun@s, como contribuição para a constituição de suas memórias imagéticas.

Também Loyola afirma que

A construção do pensamento é uma ação imagética, que envolve visualizar imagens do presente, visualizar imagens concebidas anteriormente e possibilidades de concepção de novas imagens- pensamentos (2016, p.77).

Sendo as imagens parte integrante e essencial para a construção do pensamento, torna-se bastante delicada a seleção das imagens que serão apresentadas durante as aulas de Arte. Macedo fala acerca das imagens disponibilizadas pela escola, geralmente, caricatas, cópias, muito do mesmo; e ao tipo de Arte apresentada no ambiente escolar ela denomina “Estética escolar”.

O artigo *Estética escolar: os desafios da Arte nos processos de educação informal em espaços da educação formal*, de Juliana Gouthier Macedo<sup>5</sup>, descreve,

---

<sup>5</sup> Professora da Escola de Belas Artes, UFMG.

de modo claro e objetivo, acerca do modo pelo qual a Arte se dá dentro das escolas, ou daquilo que a maioria das pessoas considera como sendo Arte dentro delas. Servindo-se dos tipos de imagens colocadas em cartazes e murais, a autora aponta para aspectos relevantes que passam despercebidos pela maioria da comunidade escolar. Juliana fala acerca dos padrões estéticos que vão sendo repetidos em diversas escolas. Atualmente, essas repetições são facilitadas pelo ambiente virtual. A multiplicidade de réplicas visuais encontra-se presente principalmente nas escolas de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Tais produções são erroneamente tidas como inovadoras e criativas. Contudo, segundo Macedo (2017, p.3491), esses padrões sonégam “qualquer ensaio da imaginação”, o que pode vir a interferir na produção artística dos alunos. Juliana pôde observar esse efeito nos trabalhos de suas alunas no curso de graduação, que repetiam padrões estéticos aprendidos na infância.

A atividade artística possui especificidades, processos, técnicas. Porém, nunca engessada em uma única forma, nem em produções de réplicas irrefletidas. Apesar de o contexto mundial contemporâneo ser marcado pela arte, pela visualidade, pela tecnologia, a maioria da população é constituída por pessoas que sobrevivem nele, não lhes é ofertada a possibilidade de ver o mundo por meio do olhar artístico. A escola é um local estratégico no qual tais pessoas poderão ter a oportunidade de consumir, vivenciar, experienciar, usufruir, pensar a arte e as imagens. Logo, é essencial que a arte seja apresentada como arte à comunidade escolar. Lembrando também que muitos dos professores da comunidade em questão, enquanto estudantes, também foram apresentados a estereótipos e possuem um conhecimento artístico limitado. Considerando a Arte como uma importante área do conhecimento na qual há a promoção de diversas potencialidades humanas, o mundo como sendo um campo aberto às mais diferentes formas de produção artística, e a escola como espaço que se propõe a contribuir para o desenvolvimento do ser humano de modo integral, faz-se necessário desenvolver trabalhos pedagógicos nos quais a Arte possa ser percebida plenamente em suas potencialidades. Ou seja, apoiando-me nas palavras de minha orientadora, “seria essencial que as imagens da arte fossem apresentadas como tais à comunidade”.

Ao se propor um trabalho em arte, faz-se necessário que haja antes uma compreensão a este respeito. Tem sido observados avanços nos estudos e práticas neste sentido. Contudo, há ainda espaços para outras indagações, considerando que parte do sistema escolar tem apresentado uma forma específica de compreensão acerca da arte. Forma essa pela qual se serve de moldes, métodos, modos, receitas, modelos e etc., evita a liberdade do gesto criativo, a livre expressão, tenta controlar e uniformizar o fazer artístico. E assim, nesse contexto, experimentações que contemplem a arte enquanto arte são bem vindas.

### **Relato de caso 5: Livro didático de Artes**

Ao visitar parentes, vi um livro didático de Artes sobre a cadeira. Era final de ano e os materiais escolares estavam sendo descartados. Ao folheá-lo observei que a proposta artística envolvia pintura, escultura, dança, teatro de sombras, atividades folclóricas e mais outras tantas. Trazia fotografias de obras clássicas, mencionava obras de artistas nacionais e internacionais de diversas épocas. Anteriormente, vi minha sobrinha envolvida com uma tarefa de casa que referenciava Tarsila do Amaral.

Sobre livros didáticos de arte, Loyola (2016) diz que

Os livros de arte, portanto, ampliam as possibilidades de construções de conhecimentos artísticos, mas é preciso lembrar que os processos de criação e de ensino-aprendizagem em Arte envolvem peculiaridades diferentes de outros ofícios e de outras áreas de conhecimento. Em Arte, além da informação pertinente ao seu conhecimento, é fundamental respeitar o jeito próprio de expressão de cada aluno, uma vez que os processos de criação são únicos e próprios de quem cria. (p.9)

Fiz algum comentário acerca do conteúdo. Minha cunhada disse que poucas atividades do livro foram realizadas porque as aulas de Artes eram poucas, bem como as de Projetos Integrados: uma vez por semana, pois a ênfase era dada aos conteúdos de Português e Matemática.

Minha sobrinha tem 7 anos de idade. Ela demonstra gosto e aptidão para dança e desenho. Deixando a Educação Infantil, provavelmente não encontrará na

escola regular ambiente para desenvolver esse aspecto de sua inteligência, considerando aqui o reconhecimento científico da existência das Múltiplas Inteligências.

### **Relato de caso 6: Professor-Artista**

Meu sobrinho, adolescente, interessado por filmes, games, internet, desenho e produção de arte a partir de materiais recicláveis, contou-me que eram poucas suas aulas de Arte, e, geralmente, sem relevância. Citou, com certa admiração, as aulas de um professor artista, com trabalhos expostos também fora do país. Disse que nas aulas dele havia liberdade de escolha, e vários alunos escolhiam conversar, sair de sala, ficar no celular. Já àqueles que demonstravam algum interesse artístico, esse professor se aproximava, fazia inferências e tecia diálogos acerca da produção.

### **Relato de caso 7: Artistas arteir@s**

Particpei de uma oficina com esse professor-artista. Ele comentou que enquanto estudante deu muito trabalho em sua escola. Disse, em outras palavras, que não entende porque a escola não dá tempos aos alunos para se encontrarem e porque ela se esforça para mantê-los sempre ocupados.

Quando escolheu artes como curso de graduação, desapontou a família, pois esperavam que ele escolhesse, se não me engano, a advocacia. Posteriormente, na vida adulta, ele se realiza como artista, ministra aulas em faculdades, participa de palestras entre outras coisas relacionadas à arte..

Artista, arteiro... Penso que a criança que não encontra na escola o ambiente adequado a seu tipo de inteligência acaba por dar vazão a sua energia, o seu potencial criativo de modos que nem sempre agradam aos que estão a sua volta. Nesse caso, um dos feitos citado por ele, foi despejar K-suco vermelho na caixa

d'água da escola. Essa mesma água era direcionada também a uma lanchonete, que nesse dia produziu pastéis coloridos.

Caso semelhante ocorreu com uma menina que, por causa de sua inquietação durante as aulas, sua família foi convidada pela escola a leva-la ao médico. O doutor examinou e constatou que a saúde da criança estava normal. E, além disso, ao observá-la movendo-se sozinha em um espaço fora de seu consultório, percebeu que ela gostava de dançar. Sugeriu à família que a matriculasse em um curso de dança. E aí deu-se o início à carreira de uma grande bailarina.

É preciso lembrar que nem todos apresentam um mesmo modo de reação frente às oposições da vida. Há também aquelas crianças que respondem com silêncio, isolamento e introspecção à falta de espaço adequado a seu tipo de inteligência.

Assim como se ensina e se aprende Matemática, Português, História, Geografia, Ciências, também a Arte é ensinada e aprendida. Todas estas áreas do conhecimento são resultantes da construção humana ao longo dos séculos. E entre elas, a Arte ocupa posição de valor, mesmo que com menos destaque. Conforme Lúcia,

Arte não é inerente ao ser humano: é construção cultural, ensina-se e aprende-se de maneiras várias, desdobra-se em expressão e instigação, desconstrói-se e constrói-se ininterruptamente, alça voos e faz pousos constantemente. (PIMENTEL, s/d, p.3)

Porém, entre as características que a faz singular, está o fato de que ela se encontra intimamente ligada à essência humana. Fazer arte é expressar humanidades. O homem é diretamente dependente da arte que produz, mesmo que não tenha consciência disto. Um exemplo disto encontra-se na ludicidade vivenciada pela sociedade contemporânea por meio de vídeos, filmes, games e outros instrumentos tecnológicos da atualidade.

Considerando que “a pesquisa do fazer artístico se faz no próprio fazer e na reflexão sobre ele; a do ensinar arte se faz no fazer/aprender/ensinar e na sua reflexão (PIMENTEL, s/d, p.2) esta pesquisa indaga a alunos, professores, artistas, estudantes universitários, acerca da arte e sua importância.

## Arte, arte e seu Ensino

A arte, presente na vida, nem sempre é percebida. Vários autores e artistas dedicam-se à sua produção e interpretação, estudos e pesquisas. Buscam evidenciá-la em seu território de direito, valorizando-a tanto quanto às demais áreas do conhecimento humano. Para Ana Mae Barbosa, arte também pode ser entretenimento. Porém, mesmo nesta condição, deve levar a pensar: “Arte quando é boa, ela é diversão também, ela é entretenimento também. Ela entretém as camadas mais profundas da interlocução humana”. (2011, entrevista).

Para Lúcia, considerando:

Arte, enquanto área de conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos culturais, sócio econômico, histórico e político. (PIMENTEL, p.26)

A arte e a vida se misturam, ainda que a maioria das pessoas não tenha consciência disto. Uma das maneiras mais adequadas para promover a conscientização da presença e da importância da Arte nas sociedades é o fortalecimento de seu ensino permeado por experiências significativas desde as séries iniciais.

O ensino da Arte ocorreu de várias formas ao longo da história. De modo geral, nos últimos anos ela tem sido recebida nas escolas com certo descaso e pouco conhecimento. No entanto, há várias pessoas em diversas linhas artísticas que por meio de textos, pesquisas, vídeos e outros movimentos, buscam ressaltar e divulgar a relevância da Arte. Por exemplo, no *Face book* ocorreu, em 2019, a manifestação *Em defesa do Ensino de Artes no Ensino médio*. Como o título já indica, várias pessoas foram convidadas a gravar depoimentos e outros que pudessem comprovar a necessidade de manutenção das aulas de Arte devido à sua importância.

Sem a oportunidade de vivenciar e refletir acerca da arte, há o risco de anulação da capacidade inventiva, criativa. E a vida sem arte é inimaginável,

conforme Zélia Duncan (2020), no vídeo **Você não precisa de artista?**, que pode ser visualizado no Youtube ( <https://www.youtube.com/watch?v=7yzC1iJlnlk> )

O vídeo de autoria coletiva, produzido no INNOVATIO<sup>6</sup>, UFMG, “O menininho e a flor” (2011) (<https://www.youtube.com/watch?v=ANJVMZdZLEE>), evidencia os modos pelos quais a arte ainda é entendida e aplicada em sala de aula. Na primeira maneira a criança é “convidada” a esquecer a si e as suas competências, a ela apresenta-se um único modelo de ser e de fazer.

Então ele olhou para sua flor. Ele gostava mais da sua flor. Mas não podia dizer isto. Ele virou o papel e desenhou a flor igual a da professora. [...] E muito cedo o menininho aprendeu a esperar e a olhar e fazer as coisas exatamente como a professora. E muito cedo ele não fazia coisa por si só (O MENININHO E A FLOR, 2011, vídeo)

A este tipo de ensino, Lísia Maria classifica como “aula de arte sem reflexão, só ocupação, recreação”. E propõe às suas alunas um modo oposto de trabalho, dizendo que devem pensar a respeito do que elas estão fazendo

[...] pensar nas ideias que estão sendo colocadas ali, nas cores que elas escolhem, nos assuntos que elas escolhem e sempre tentando trazer referências da arte contemporânea [...] que leve a uma reflexão e ao prazer estético também. (LÍSIA MARIA, 2011, vídeo)

Aspecto este também apresentado no mesmo vídeo, outro tipo de ensino, no qual há a intenção de contribuir para constituição dos sujeitos integrais, portadores de autonomia e potencialidades. Isto é apontado através do seguinte questionamento: “se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber quem fez o que? E qual o desenho de cada um?” (2011, vídeo). Que também revela a intenção de ver, enxergar realmente a pessoa. No entanto, as marcas do ensino massificador podem ser permanentes. Falando em massificação, é necessário dizer que os discursos pedagógicos contemporâneos descrevem uma escola que inclusiva, que valoriza as diferenças, que busca atender às especificidades de seus alunos. No entanto, é necessário lembrar que o sistema escolar há séculos é estruturado para promover o atendimento em massa. Alunos, em grandes quantidades, são colocados em espaços irrisórios para aprender

---

<sup>6</sup> Laboratório de Artes e tecnologias para a Educação

conteúdos em processos semelhantes. Sem esse controle de massa por meio de instituição de regras de condutas, provavelmente, seria, e tem sido, muito difícil manter tanta gente num mesmo espaço. Segue o registro outro caso para ilustrar este trecho.

### **Relato de caso 8: A bailarina**

*Esta menina  
tão pequenina  
quer ser bailarina.  
Não conhece nem dó nem ré  
mas sabe ficar na ponta do pé.*  
Cecília Meireles

No final de 2019, minha sobrinha, de 7 anos de idade, veio mostrar-me suas apresentações de dança. Pegou o celular, baixou o vídeo de uma música que falava sobre flores e começou a dançar. Sem olhar para a imagem do celular, esticava-se, contorcia-se, deitava-se ao chão, ficava nas pontas, girava os pulsos. Enfim, movimentos que envolviam todo o corpo, diversos e graciosos, se ligavam uns aos outros se costurando em dança.

Em seguida, baixou outro vídeo que falava sobre amizade e começou a mover-se. Essa apresentação foi marcada por movimentos presos, robotizados, repetitivos, que envolviam quase principalmente apenas braços.

A primeira dança era referente ao curso de ballet do qual ela participa. E a segunda, uma das apresentações de sua turma realizada na escola de ensino fundamental.

Ao assistir os dois modos de dança, pude visualizar como que em um quadro comparativo as diferenças entre as duas cenas. Na primeira, minha sobrinha, recebeu instrumentos artísticos ligados à dança que lhe permitiram soltar-se, exprimir-se, explorar as potencialidades de seu próprio corpo.

No segundo, as técnicas artísticas fornecidas foram limitadas, delimitadas, marcadas pela tentativa de controle do corpo e da criatividade.

E, em sua simplicidade de criança, ela demonstrou satisfação enquanto realizava as duas apresentações para mim. Ela própria ainda não percebe a diferença entre o dançar e o dançar pedagógico.

Na direção oposta às práticas massificadoras, Macedo ressalta que na arte é interessante a diversidade. Cada expressão artística é única, pois, cada aluno é um sujeito único. E, segundo a autora, ao possibilitar a produção artística, essa unicidade de pessoas e obras fica totalmente em evidência. Portanto, ela diz que.

[...] é *necessário* ouvir os alunos [...] priorizar perguntas a respostas [...] ao professor cabe mediar, estimular, provocar, que ele conheça mais, que ele corra mais, e num percurso próprio. [...] A gente fazer e perceber que ao fazer está pensando [...] não devemos fazer da prática artística, dos exercícios artísticos práticas vazias [...] perceber que a gente ali tá construindo teorias, tá aguçando percepções. (MACEDO, 2011, entrevista)

Referindo-se à escola, Pimentel (2011, entrevista) diz que “ela tem que propiciar construções de conhecimento que levem o aluno a raciocinar em cada área do conhecimento” (2011, vídeo), o que inclui também o campo das Artes e em específico, Artes Visuais. Também Mae (2011, entrevista) afirma que “arte é fundamental para o desenvolvimento da cognição que se vai aplicar em qualquer área”. Então, considerando as entrevistas, constata-se que o trabalho com artes traz benefícios diferenciados que vão além de seu próprio campo de atuação.

Bedeschi (2011, entrevista) lembra que “alunos diferentes têm desempenhos diferentes. [...] A predisposição do aluno a aprender é o que vai direcionar ao como ele toma parte daquela lição, o quanto ele absorveu, o tanto que ele vai aprender”. Assim, a oferta de modos diferenciados de ensino e oportunidades de livre expressão contribuirá para o desenvolvimento de cada aluno segundo suas especificidades. Lúcia propõe que o trabalho com artes extrapole o comum, dizendo

O ensino de arte deve ir além da inteligência e da percepção já instituídas. É necessário trabalhar outro nível de pensamento. Ao se lidar com arte, se lida não somente com conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o

pensamento em outro nível que não é o comumente utilizado no dia-a-dia na escola. (PIMENTEL, p.25)

Outros aspectos importantes a serem considerados são as vivências e o tempo presente. Ao propor um trabalho em Artes é importante considerar o perfil atual dos alunos, as tecnologias das quais eles se servem, as características atuais das organizações sociais, os artistas e as artes contemporâneas. É válido lembrar que

O tempo em que vivemos é sempre contemporâneo [...] O conhecimento da produção humana do tempo passado deve estar comprometido com a produção de um ensino contemporâneo, que leve em conta as manifestações da arte que estamos vivendo, do cotidiano social / cultural / individual de quem ensina/aprende. (PIMENTEL, p.25)

Assim, os resultados obtidos por meio do ensino da arte ultrapassam fronteiras visíveis e invisíveis. E para que um bom trabalho artístico- pedagógico seja realizado, faz-se necessário investir no professor e em sua formação, porque é ele quem vai apontar os caminhos.

## **PROFESSOR-ARTISTA-PESQUISADOR**

*O fato de experimentar e fazer arte requer abertura a erros e acertos, e a experiência contínua com processos de criação possibilita ao artista - que também atua como professor -, em muitas situações, encontrar caminhos mais adequados para os exercícios com os alunos.*

Loyola, 2016

A formação d@ educador@ em Arte precisa ser pensada a partir de algumas concepções pedagógicas comprometidas com a compreensão do fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, histórico, antropológico, filosófico, psicológico, político e ideológico) e de bases didáticas metodológicas capazes de permitir que @ educador@ atue de modo competente na sua prática pedagógica. (PIMENTEL, s/d, p.26)

Para isso, é necessário que @ professor@ tenha uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alun@s quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. (PIMENTEL, s/d, p.26)

É essencial que @ professor@ em Arte seja/esteja bem instrumentalizado para quanto aos meios e modos pelos quais desenvolverá seu trabalho. Sendo assim:

Conhecer métodos e criar metodologias é o grande desafio d@ professor@ de Arte. Cabe a el@ a decisão para cada processo proposto, com direito a desvios e retomadas sempre que preciso. O ensino de arte não é linear. (PIMENTEL, p. 25)

Outro aspecto relevante é o fato d@ professor@ em Arte precisar se envolver com arte, pois, “boca fala daquilo que o coração está cheio” e não é possível ensinar o que não se sabe. Ensinar Arte implica em viver arte. Conforme Pimentel,

[...] @ professor@ de Arte, em qualquer nível de ensino, deve ser, primeiramente, pessoa inserida no contexto artístico como forma de viver. É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana. (p.21)

[...] é imprescindível que o professor produza ou tenha experiências artísticas. Ele não precisa ser necessariamente ser um artista atuante nas galerias. mas precisa sempre estar em formação, procurando exposições, vivenciando essas experiências estéticas (PAULA, 2011, entrevista).

Ou seja, a prática e a teoria devem caminhar juntas. E, ao pensar, refletir sobre a própria produção artística, em seu processo pode-se gerar outras teorias. Uma dos modos pelos quais a Arte tem sido desenvolvida dentro das escolas é através da Abordagem Triangular, elaborada por Anna Mae Barbosa. Mae (2011) diz que “há várias linhas possíveis. Você tem que encontrar aquela que corresponde a seus ideais no ensino da arte, aos seus objetivos de ensino da arte”. E segundo Pimentel (2011, entrevista), desde o início do século XXI é a Abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae, que tem permeado muitos os caminhos metodológicos e muitas metodologias no ensino das Artes.

É importante aqui lembrar o que vem a ser método e o que vem a ser metodologia. De acordo com os vídeos e o texto base do curso, método é o

caminho, o percurso traçado rumo a um objetivo; e metodologia, é a forma pela qual esse método é aplicado. Os tipos de métodos já estão postos, porém, as metodologias são variáveis, pois são criação do próprio professor. Sendo assim, “método é alguma coisa que a gente segue. E a metodologia é a gente que cria” (PIMENTEL, 2011, entrevista).

Para Edgar Morin (2005), “metodologia é a atitude intelectual que busca a integração das múltiplas ciências e de seus procedimentos cognitivos heterogêneos, tendo em vista o ideal de um conhecimento eclético e complexo” (apud PIMENTEL, p.31).

Etimologicamente, a palavra método vem do grego, [...] Literalmente, significa caminho para chegar a um fim. Servir-se de um método é, antes de tudo, tentar ordenar o trajeto através do qual possam ser alcançados os objetivos projetados. Método é o caminho pelo qual esses objetivos são alcançados. Por extensão, podemos dizer que método é um conjunto de princípios e procedimentos que orientam uma ação (PIMENTEL, p.27).

Procedimento, técnica ou meio de se fazer alguma coisa, de acordo com um plano/ Processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação etc./ Ordem, lógica, ou sistema que regula uma determinada atividade/ Modo de agir, meio, recurso/ Procedimento técnico ou científico/ Conjunto de regras ou preceitos que regulam o ensino ou uma prática de arte. (PIMENTEL, p.29)

Para as ciências exatas e da natureza, essas etapas são rigorosas: observação, experimentação, quantificação e apresentação de resultados. [...] Para as ciências humanas, entretanto, nem sempre todas essas etapas são necessárias ou compatíveis com o objetivo. Também a sequência das ações não precisa ser tão rígida (PIMENTEL, p.29)

O método das ciências humanas é o compreensivo-interpretativo, cujo objeto de estudo “são as significações ou os sentidos dos comportamentos, das práticas e das instituições realizadas ou produzidas pelos seres humanos”. (PIMENTEL, p.31)

O ensino de artes pertence ao campo das ciências humanas, assim, seus processos e procedimentos serão peculiares a seu campo de estudos. Ao se propor o trabalho com Artes nas escolas é importante que o professor seja artista e também pesquisador.

O papel do professor é muito importante, pois é ele quem vai apontar os caminhos no processo de ensino de Artes. Conforme Loyola, (2016, p. 13) considerando a unicidade das pessoas e dos grupos culturais, faz-se necessário selecionar o material didático que seja mais adequado. Por estar mais próximo aos alunos, pressupõe-se que o professor seja o mais indicado para selecionar e produzir materiais didáticos e metodologias específicos alinhados ao contexto por ele observado.

E sendo assim, segundo Pimentel (s/d, p.26) o educador em Arte precisa ser formado a partir de concepções pedagógicas que contemplem o processo educativo em seus diversos aspectos, tais como social, histórico, econômico e etc. Bem como também, de bases didático metodológicas consistentes que possibilitem a ele uma atuação profissional eficiente. E, acerca de métodos e metodologias, Pimentel (s/d, p.25) lembra que “o ensino em Arte não é linear”. Logo, diante das reverses comuns ao processo educativo, muitas vezes, torna-se necessário efetuar mudanças quanto ao método e metodologia. E assim, é essencial que o professor em Arte esteja munido de conhecimentos a esse respeito para que possa tomar as decisões mais adequadas a cada processo.

E ainda, que esta formação seja constituída por teoria e prática. Segundo Pimentel (s/d, p.21) é importante que o professor em Arte seja alguém envolvido realmente com arte em seu cotidiano. Preferencialmente, que o professor saiba produzir e ensinar arte, trazendo em si características do professor, do artista e do artesão, bem como do pesquisador.

Semelhantemente, Loyola (2016, p.15) afirma que quanto mais o professor em Arte for envolvido com arte, maiores serão as suas possibilidades de selecionar propostas artísticas mais significativas a seus alunos.

Em concordância, Patrícia Paula (2011, vídeo) diz que o professor não precisa ser um artista, mas que precisa produzir ou ter experiências artísticas tais como, por exemplo, visitando galerias e vivenciando experiências estéticas.

Paula (2011, entrevista) ressalta a importância da existência do professor artista ao dizer que “não adianta saber muito na teoria e deficiência na prática”. Entende-se então que a teoria deve estar interligada à prática. Há várias teorias já

concebidas acerca arte. No entanto, Macedo (2011, entrevista) destaca que no ensino da arte é importante

A gente fazer e perceber ao fazer está pensando [...] não devemos fazer da prática artística, dos exercícios artísticos práticas vazias [...] perceber que a gente ali tá construindo teorias, tá aguçando percepções.

Ou seja, ao pensar, refletir sobre a própria produção artística em seu processo pode-se gerar, produzir outras teorias.

## **A criança e a Arte**

*[...] na travessia para ser artista-professora, carreguei meus achados da infância, e meu olhar se formou na essência desses pequenos tesouros*

Palhares, 2018, p.127

A infância é um período de descobertas, elaborações, construções das mais diversas. Geralmente, as vivências desse período delinham os processos futuros. Possibilitar à criança o encontro com as Artes Visuais dentro da escola poderá significar um abrir de amplas portas a um mar de possibilidades.

Sabendo que arte e Arte são resultantes de processos de construções culturais, imbricadas em intencionalidades, diz-se que a criança pequena não faz arte. Ela desconhece os aspectos nos quais a arte é constituída. A criança pequena produz imagens. Ela faz uso de elementos da arte, contudo, sem a consciência necessária à produção artística. Suas experimentações constituíram ao longo do tempo o campo imagético, criativo, um subsolo mental para as construções e compreensões artísticas futuras. Assim como a criança brinca de ser policial, bombeiro, professor e etc., vivenciando diferentes papéis e possibilidades por meio da ludicidade, também o faz em relação à arte. Sendo assim, é importante que o professor de Artes, consciente do que vem a ser arte, ofereça às crianças propostas que contribuam para a constituição de um bom imaginário artístico. À medida que propõe atividades

significativas, nutre a mente dos pequenos com informação acerca dos elementos estruturantes da arte.

Loyola lembra que o ensino em Arte não ocorre de modo linear. Pois, ele envolve sujeitos, suas historicidades, entre outros aspectos, que alteram cada processo de produção e fruição. E a partir disso, o autor fala que

[...] em Arte é fundamental o respeito às subjetividades dos alunos, o jeito próprio de cada um perceber o mundo e de se expressar no mundo e com o mundo. (2016, p.13)

E esse aspecto precisa ser considerando principalmente no caso do trabalho a ser desenvolvido com crianças pequenas, pois, geralmente, essas aceitam de bom grado tudo que lhes for oferecido. E, além disso, é na infância a fase do desenvolvimento em que o cérebro humano encontra-se em uma mais ampla maleabilidade, mais propício para aprendizagens. É nesse período da vida que o ele apresenta uma maior plasticidade, pronto a estabelecer inúmeras conexões, formatando diversas aprendizagens segundo os estímulos recebidos. É esse um período rico para aquisição de saberes. Cabe ao professor de artes fornecer elementos que possam nutrir o campo imagético, o imaginário das crianças. Pois, nessa fase elas ainda não compreendem a arte. Não têm intencionalidades nesse sentido. Não produzem arte e sim, imagens. Contudo, desse modo, vão sendo instrumentalizadas para compreender a seu tempo a arte e seus processos.

### Capítulo 3:

#### Arte por arte

*Arte é um conhecimento sensível,  
que coordena ações e emoções; é  
um modo de pensar, chegar a  
criações inusitadas e estéticas,  
propor novas formas de ver o  
mundo e apresentá-lo com  
registros diferenciados*

Pimentel

Por meio da observação do fazer artístico, intenciono compreender como a Arte se dá e pode se dar no território da escola. Para este estudo foram observados os processos criativos de crianças de 2 a 3 anos de idade da Educação Infantil.

A partir da experimentação pessoal de impressão no curso de Especialização em Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas, surgiu a ideia de propor esta experiência artística para as crianças. Para a atividade *Impressões*, inspirada na disciplina *Monotipia e impressão*, foram utilizadas folhas caídas das árvores da escola para imprimir imagens coloridas em guache sobre papel. Neste caso, as próprias folhas atuaram como matrizes. Os trabalhos das crianças foram organizados em formato de caderno de artista.

#### **LIVRO OU CADERNO DE ARTISTA: Impressões**

Considerando a arte como sendo um conhecimento sensível e variável segundo o contexto em que habita, logo o ensino de Artes Visuais é flexível em seu modo de acontecer, pois esse dialoga intimamente com os sujeitos, os espaços, os objetos em questão. Por isso, as metodologias precisam ser elaboradas de acordo com ambiente escolar a ser tocado.

A ideia de produzir um livro ou um caderno de artista surgiu após a visita ao Palácio das Artes, na exposição “Narrativas em Processo - Livros de Artista na Coleção Itaú Cultura”.

Até então, não entendia direito essa forma de registro artístico. E certamente, ainda há muito que aprender nesse sentido. Como experimentos iniciais nesse sentido, surge o caderno *Impressões*, constituído por trabalhos dos alunos da Educação Infantil, crianças de 2 a 3 anos de idade. Essa proposta artística aconteceu da seguinte forma:

## **Impressões**

Na escola de Educação Infantil, sob os pés de manga e goiaba, a ludicidade ganha espaços. Pedrinhas e folhas tornam-se outros objetos: picolés, pães, medicamentos, entre outros. Catar, soprar, amontoar, separar folhas têm sido brincadeiras agradáveis às crianças do primeiro ciclo.

A partir da observação desse gosto e das vivências pessoais nas aulas de Monotipia e Impressão, surgiu à ideia de fazer a captura de imagens a partir da impressão. Este trabalho ocorreu no 1º semestre de 2019. A atividade foi desenvolvida vagarosamente em meio às brincadeiras e demais atividades escolares.

No parquinho, as crianças foram convidadas a catar folhinhas. Posteriormente, as folhas foram dispostas em uma mesa acompanhadas por tintas guache, pincéis e papel ofício. Cada criança foi convidada por vez para fazer sua impressão.

Estas impressões aconteceram de dois modos. No primeiro, em referência ao processo de monotipia, a criança escolhia uma folha e uma cor para fazer uma única impressão. Na segunda, em referência à policromia, a criança escolhia quatro folhas de diferentes tamanhos e formas, bem como a sequência de cores com as quais faria as impressões.

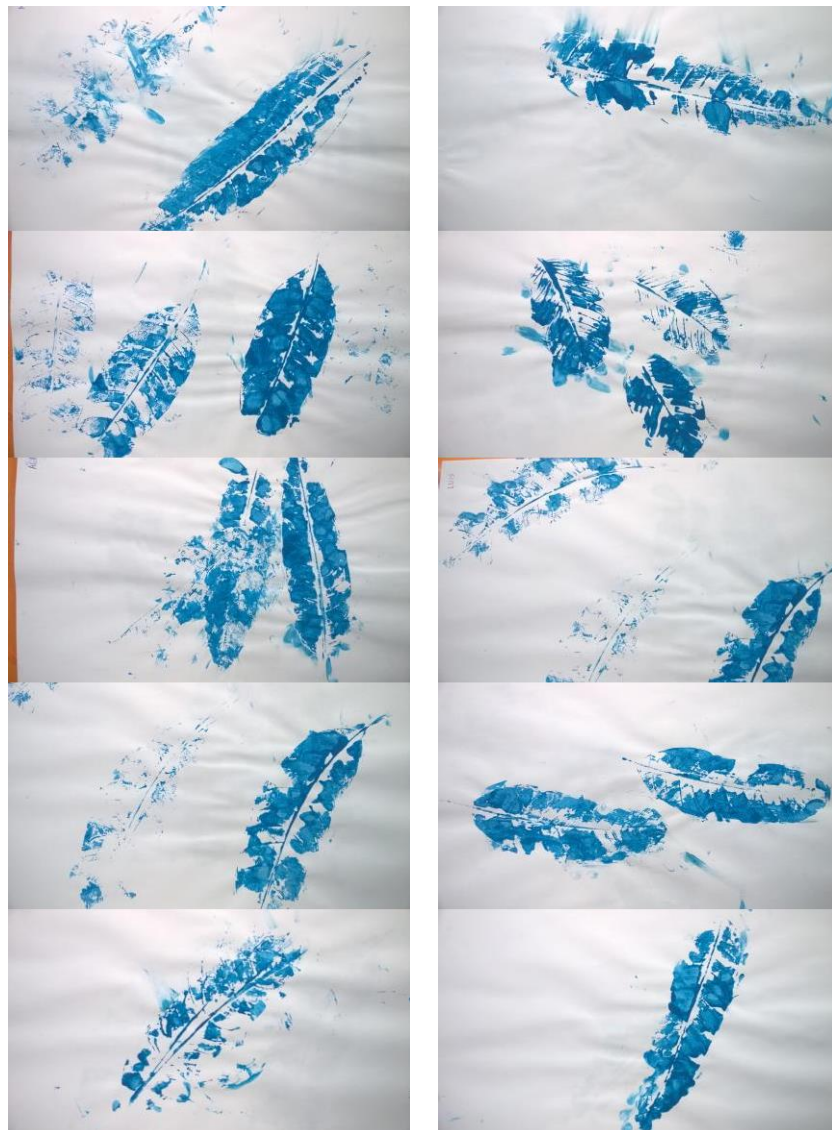
A criança, utilizando uma trincha, cobria o verso de cada folha com tinta guache. Assim, a folha era transformada em uma matriz, que, em seguida, era comprimida com as mãos sobre o papel branco. Durante cada processo, considerando a idade das crianças, 2 anos e meio, as mãos da professora serviram apenas de apoio para efetuar uma pressão mais intensa, porém, procurando que a atuação das crianças fosse a mais livre possível.

As crianças participaram com interesse e curiosidade desta atividade. Mal podiam esperar por sua vez. E mesmo sem que fosse solicitado, costumavam coletar folhas e entregá-las à professora comentando acerca do processo de pintura.

O olhar atento acompanhava o movimento das mãos. E um sorriso leve e discreto demonstrava deslumbramento ao ver surgir na página branca a imagem da folha. Olhavam curiosamente para a imagem impressa na página e o verso da folha marcado por restos de tinta.

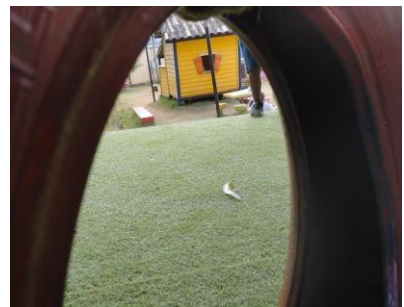
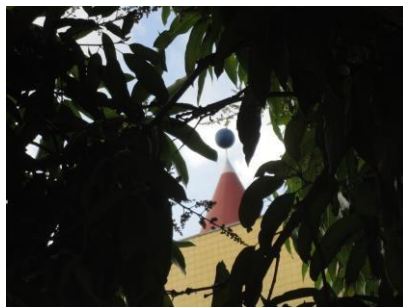
Houve casos em que a criança não se contentou em pintar apenas as folhas. Mas, estendeu sua ação sobre a mesa, outros objetos, as mãos e outras partes do corpo.

As imagens em azul remetem à monocromia. E as demais, como se observa, à policromia.





Estas são imagens do parquinho, onde foram colhidas as folhas para a atividade de impressão e onde a imaginação ganha asas.



## Livro objeto, objeto artístico

*Olhar as nuvens em seu caminho e descaminho, vê-las surgindo em diferentes formas contra o azul claro do dia ou o intenso da noite que transforma seu branco em cor indefinida (nas grandes cidades ela tende aos marrons leitosos e avermelhados); vê-las ali indo em direção ao declínio, lentas ou rápidas o suficiente para abrir espaço em mim e aparecerem na sua já ausência como formas do mundo reconhecível no qual as coisas têm nomes: peixe, pássaro, cascata, mar.*

Giovanna Martins

O livro objeto é aquele no qual o formato, o texto, as imagens não seguem os padrões convencionais, assumem as mais diferentes formas e possibilitam leituras também variadas.

Considerando esse um trabalho de arte, há uma exigência velada em que seja também descrito por meio da arte. Dessa forma, surgiu a ideia de estruturar um objeto constituído por textos e elementos artísticos.

Em maio de 2019, a Caixinha de Nuvens me veio por meio de um sonho. Naquele momento não sabia como ela faria parte deste trabalho. À medida que o estudo foi se desenvolvendo, o lugar dela foi sendo delimitado. Ela é uma caixa de madeira decorada por estampas de nuvens. Em seu interior há páginas retangulares no formato de marcadores de livros. O verso de cada página é forrado por imagens de nuvens e o anverso por citações com compuseram este trabalho. As imagens de nuvens foram obtidas por meio da fotografia. E nuvens, por terem sido essas um dos primeiros chamarizes para instigar a constituição de um olhar estético acerca do mundo.

Também elas, as nuvens, capturaram o olhar de Giovanna Viana Martins, que em sua tese de doutorado passeia por diferentes séculos, entre diversos artistas, pinturas, desenhos, informações técnicas, ideias, relatos científicos e poesias acerca delas. Por meio de *Corpos nebulosos: imagens entre aparição e desapareção*, conheci Constable, revi Turner e entendi, por fim, qual era o lugar da *Caixinha de Nuvens* com a qual havia sonhado.



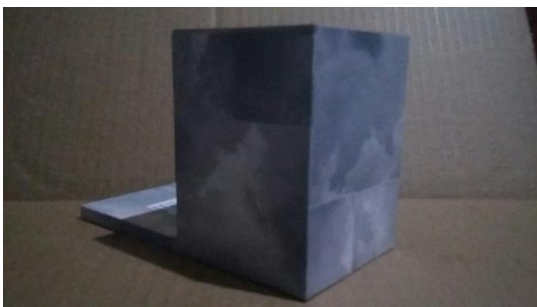
Pintura, John Constable,  
séc. XIX



Fotografia, R. Frias,  
séc. XXI

## Caixinha de Nuvens

Em Arte e arte, muitas vezes, importam mais os processos, as vivencias que o produto final. As vivencias deste processo foram envoltas por nuvens tempestuosas. E, só agora me dei conta de que Nuvens, Nuvens de Chuva, Imagens de Nuvens de Chuva na Caixinha estão intimamente relacionadas com o contexto no qual este estudo foi realizado. As tempestades são boas. Trazem água, limpam o ar e a terra, retiram coisas de lugar, arrancam o que é frágil, causam agitos, desestabilidades. Depois dão lugar à calma, ao recomeço, ao renovo.



**Pano de Fundo**

**Arte:** Impressão de fotografias sobre tecido

**Dimensão:** 1,20 cm x 0,60 cm

**Técnica:** sublimação

**Fotografias:** Dirlene

**Impressão:** Letícia

**Ano:** 2020

## CONCLUSÕES

De que o mundo é vasto não há nenhuma dúvida. Portanto, nem tudo se sabe, nem tudo se vê, nem tudo se descobre. Sendo assim, as informações contidas neste texto são impressões constituídas a partir de observações e vivências dentro de um pequeno recorte do mundo.

Além disso, cada forma de perceber um fato é peculiar a seu observador, ser único constituído por uma historicidade também única que reverbera na formação de um olhar específico acerca de si, das coisas e do mundo.

Deste modo, considero satisfatórias minhas descobertas no campo da arte (e da Arte) por meio desta pesquisa, bem como sendo este trabalho um marco inicial para o desenvolvimento de estudos, pesquisas e outras produções em arte.

Compreendi que a arte pode ser percebida por diversos vieses. O tipo de olhar sobre ela dependerá daquele que a vê, da intenção de cada um a esse respeito. Por exemplo, ela pode ser considerada mercadoria para os comerciantes, meio de expressão para artistas e fruidores, instrumento de relaxamento, entretenimento ou hobby para algumas pessoas. Enfim, o que define o que é arte e seu objeto artístico é a intenção posta sobre ela.

Conforme alguns autores, compreendo também a arte como produto resultante de construções culturais, meio de expressão, forma que traduz a vida. Com o olhar emotivo, vejo-a repleta de sensações, portadora de possibilidades infinitas, pautada na criatividade, na livre criação que adquire vida própria após sua constituição. E com os olhos da razão, como campo do conhecimento humano, constituída por especificidades, passível de análises, detentora de técnicas e elementos pré-estabelecidos.

E a disciplina que trata das questões da arte é a Arte.

Por observações e vivências dentro de um recorte de mundo, percebi que a as aulas de Arte têm se servido pouco da arte. Tem feito uso de alguns elementos, algumas técnicas apenas, sem se deixar envolver pela possibilidade de ampla experimentação no processo artístico. Conforme Macedo, dentro das escolas há a existência de uma estética escolar que acaba por inibir os processos de pesquisa e o gesto criativo em arte.

Para que a Arte seja pela arte é importante a presença do professor-artista-pesquisador. Ou seja, o professor de Arte precisa conhecer acerca da arte. Não necessariamente precisa ser um artista nato, mas precisa ter vivências em processos artísticos, bem como apresentar características de um pesquisador, pois não há como ensinar o que não se sabe. E arte é muito mais que um conjunto de técnicas. Também, seu desenvolvimento está intrinsecamente ligado ao perfil daquele que a ela se entrega. Sendo assim, o ideal é verificar quais conteúdos e metodologias que melhor se aplicam a determinado público em específico. E essa seleção é facilitada por meio dos estudos e da pesquisa acerca da arte e da Arte.

Considerando o perfil do professor como fundamental para o desenvolvimento do ensino em Arte, e que seu tipo de formação nessa área será determinante para o caráter das aulas ministradas, fica evidente a necessidade de ampliar o investimento na formação do professor, incluindo aqui, a maior oferta de cursos relacionados a esse campo do conhecimento. Lembrando que o professor é fruto do sistema escolar vigente, de um lugar comum, é possível que ele por si compreenda a arte de modo raso e repasse esse modo de percepção a seus alunos. Daí a necessidade da promoção de estímulos, encontros com a arte propostos por quem tem uma experiência e a consciência mais tocada por ela.

Também é necessário que sejam criados espaços destinados à arte, à Arte e seus materiais, preferencialmente nos projetos estruturais das escolas, pois diante da falta de lugares adequados, as atividades e os processos criativos às vezes são confundidos com algazarra e seus materiais, com bagunça, desordem. Porém, as vivências artísticas não devem ficar restritas a um espaço físico específico, pelo contrário, devem ter liberdade em sua constituição, um local específico dedicado a elas é essencial, uma vez que a arte tem suas especificidades. E a ministração de seus conteúdos pressupõe a utilização de formatos bastante diferenciados em relação às demais disciplinas.

A Escola de Educação Infantil é a que mais se serve das atividades artísticas, contudo, ainda é possível ver que não se aprofundam em suas práticas no tocante a arte. Ensinar Arte é aplicar mais do que técnicas e conteúdos. Pressupõe-se vivências, experiências, Arte é o meio pelo qual se desenha a vida.

## REFERÊNCIAS

*Artes Visuais*. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2019

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira de Educação, 2002.

CAPPARELLI, Sérgio. *Na minha pele*. In: 111 poemas para crianças; ilustrações da Ana Gruszynski - 5 ed. Porto Alegre: L&PM, 2006.

Circuito cultura. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=oUzi6r2DVUg>>

COLI, Jorge. *O que é Arte*. 15ª ed., São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 1995

E.V.A. Significado da sigla disponível em

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Espuma\\_vin%C3%ADlica\\_acetinada](https://pt.wikipedia.org/wiki/Espuma_vin%C3%ADlica_acetinada)> Acesso em 29/12/19

JANELA da Alma, Direção: Walter Carvalho, João Jardim, 2001 Disponível em <.

LOYOLA, Geraldo F.; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: REFLEXÕES ESTÉTICAS SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTE* (s/d) Disponível em <<https://www.eba.ufmg.br/pos/sepoga/index.php/sepoga/sepoga15/paper/viewFile/3/2>> Acesso em 19/05/19

LOYOLA, Geraldo Freire. PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Reflexões sobre materiais didático pedagógicos para Arte*. Texto retirado da Tese PROFESSOR-ARTISTAPROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Texto completo disponível: <http://migre.me/wa0GO>

LOYOLA, Geraldo Freire., PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Tecnologias contemporâneas, pensamento tecnológico, contexto e Arte*. Texto retirado da Tese PROFESSORARTISTAPROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Texto completo disponível em: <http://migre.me/wa0GO>

MACEDO, Juliana Gouthier. *Estética escolar - os desafios da arte nos processos de educação informal em espaços da educação formal*, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.3490-3503. 3495

MACEDO, Juliana Gouthier. *Inventário e partilha*. Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2008

MARTINS, Giovanna Viana. *CORPOS NEBULOSOS: imagens entre aparição e desaparecimento*. Tese. Belo Horizonte. 2019. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/EBAP-BBJPYN>

MARTINS, Mirian Celeste. *Entrevistas: a inquietude de professores- propositores. educação*. Santa Maria, v. 31 - n. 02, p. 227-240, 2006 Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>

Metodologias de Ensino em Artes Visuais - CEAD – EBA. INNOVATO, Laboratório de Artes e Tecnologias para Educação, Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais - Escola de Belas Artes, Belo Horizonte - 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOF4CKCISy4&feature=youtu.be> Acesso em 14/10/2018

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Cognição Imaginativa*. 2013. Disponível em <<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/download/118/93>> Acesso em 19/05/19

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do ensino de Artes Visuais*. In: \_\_\_\_\_ Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *O ENSINO DA ARTE E SUA: Possibilidades e desafios* (s/d)

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Processos artísticos como metodologia de pesquisa*. In

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara Vilaça. *Pesquisa em Ensino/Aprendizagem de*

PROPAGANDA. In. Hub criações. Disponível em <<https://hubcriacao.com.br/2018/03/16/a-propaganda-nao-e-mais-a-alma-do-negocio/>> acesso em 30/12/2019

SEBRAE, Significado da sigla. Disponível em <[https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais\\_adicionais/o\\_que\\_fazemos](https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos)>

T.N.T. Significado da sigla. Disponível em <<http://sohelices.com.br/o-que-e-tnt-tecido-nao-tecido/>> acesso em 29/12/19

VÍDEO. O Menininho e a Flor - CEAD - EBA - UFMG <https://www.youtube.com/watch?v=ANJVMZdZLEE>

ZAVAGLI, Mário. 48º festival de inverno UFMG, Exposição Mário Zavagli Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=l8HO7pCwqal>> Acesso em 03/04/19

ZAVAGLI, Mário. Circuito cultura. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oUzj6r2DVUg>>

ZAVAGLI, Mário. Diverso. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wI7JJtojnTE>> Acesso em 03/04/19

ZAVAGLI, Mário. Diverso. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7V7wAWIkTfA>> Acesso em 03/04/19